

# ESPAÇO / MAGAZINE

**ALMADA**  
**inédito e polémico**  
**UM PORTUGUÊS NA CHINA**  
**ASAS DE PORTUGAL**  
**PIERRE CARDIN EM EXCLUSIVO**

não sei. O «Zé» até o convidou para o nosso casamento, que era muito restrito em matéria de convidados.

– **Como foi que conheceu Almada-Negreiros?**

– Bom, talvez o contrário ou as duas coisas ao mesmo tempo. Pelos meus vinte e quatro anos, tinha então regressado de Paris, entrei na «Brasileira do Chiado», a comer castanhas assadas. Os homens, não habituados a mulheres nos cafés e a julgarem-nos «qualquer coisa inferior», riram-se muito de mim, fazendo chalaça comigo. Eu não liguei nada, já se vê. Como não havia divertimentos que interessassem às raparigas assim mais «avançadas», ou se ia para a «Brasileira», neste caso, eu, ou a qualquer concerto. Foi o que aconteceu. Um dia o Almada seguiu-me até ao «S. Luiz», onde se representava um bailado, parecia-me. No intervalo tentou falar comigo. Eu não falei, sequer, pois toda a gente me dizia que ele «era maluco» e fiquei calada... Mas ele foi muito correcto, retirou-se e não insistiu mais. Era muito educado. Fiquei desde logo a gostar dele...

– **Como foi que começaram a «namorar»?**

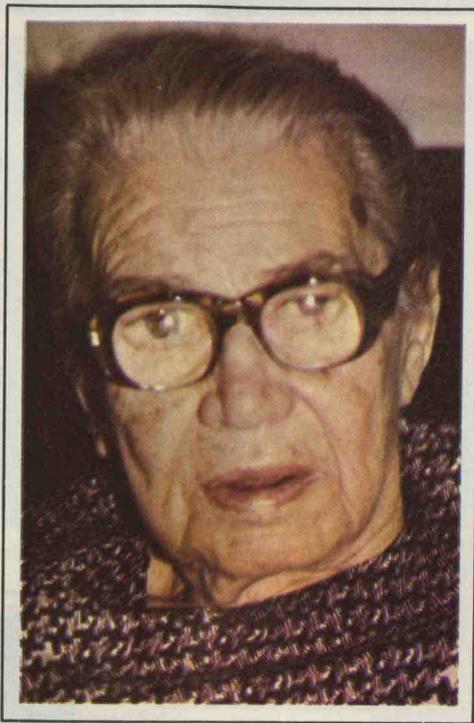
– Começámos a andar juntos por toda a parte. Depois a almoçar, a jantar e foi assim. Quando se ausentou para Espanha, esperei por ele (dois anos) e casámos. Eu gostava muito dele e ele também de mim...

– **Casaram onde, pela Igreja?**

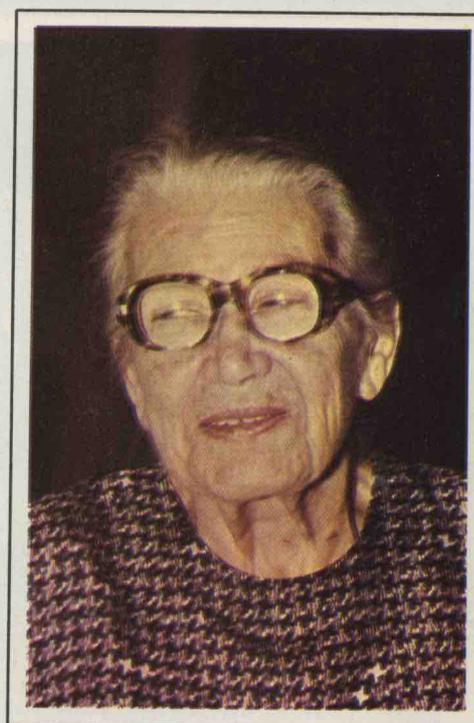
– Sim, em S. Sebastião da Pedreira. Até foi ele que sugeriu, quando me disse: – O casamento é uma «chaticice» e já que temos de tratar de papéis e de todas essas trapalhadas, então casamos pela Igreja e fica tudo certo.

– **Ele era crente?**

– Acreditava em qualquer coisa, mas não sabia o quê. Mas era crente. E mesmo dos padres, não gostando



O encontro. «...riram-se muito de mim, fazendo chalaça comigo».



A despedida. «Olhou-me tão lúcido e de olhos tão brilhantes».

deles, sabia estar com eles e respeitava-os...

– **Como foi vestido no dia do casamento?**

– De azul-escuro e de gravata. A única que tinha. Recusou uma que se comprou propositadamente para esse dia, dizendo que não se ajeitava a fazer o nó...; então levou a outra, toda esfarrapada, que uns amigos lhe haviam dado em Espanha.

– **Há quem diga que Sarah Affonso deixou de pintar por causa de Almada-Negreiros. Porquê, seria para não o menosprezar?**

– Menosprezar, não. O Almada era um grande Artista, que eu admirava muito. Era mesmo um génio que eu francamente admirava. Achei que o meu lugar seria acompanhá-lo na sua carreira... Se ele era o desenhador que foi, que ia eu desenhar?

– **Lembra-se dos últimos momentos de Almada-Negreiros?**

– Lembro, lembro... De manhã, no dia da sua morte, perguntou quem tinha ganho o jogo de futebol. Era um caso extraordinário nele, pois todos se admiravam do interesse que o «Zé» tinha pelo futebol, principalmente se eram os portugueses. Havia até um rapaz que ele admirava muito (...) o Eusébio...

– **Quais foram as últimas palavras dele?**

– Disse-me: – Vem depressa, não te demores.

Eu estava sempre ao pé dele, menos de noite, por causa da minha saúde. Então disse-lhe que ia à sala fumar um cigarro e voltava de seguida. Logo ele perguntou: – **Fulano de tal** já veio pagar os noventa contos?

Na véspera, havia lá estado um amigo, dono de uma galeria, e o «Zé» perguntou-lhe pela quantia. Nós sempre compreendemos as pessoas que tinham dificuldades na vida e então facilitava-se o pagamento dos quadros, como era o caso. **Fulano de tal** tinha lá estado na véspera, mas não efectuou o pagamento por se ter esquecido do livro de cheques. E o «Zé» insistiu comigo: – Vê lá, não te esqueças desses noventa contos, ficam ao teu cuidado...; vem depressa, não te demores... – e ficou-se a dormir. Quando cheguei à sala para fumar o cigarro, entrou a enfermeira a correr, dizendo-me que o «Zé» estava muito mal...

Quando cheguei ao quarto, junto dele, olhou-me tão lúcido e de olhos tão brilhantes..., para depois os fechar para sempre...

Eu gostava muito dele e ver morrer uma pessoa assim é horrível...

– A vida é tão curta. O futuro está tão perto – dizia-me ele às vezes, quando

conversávamos.

– Ó «Zé», por muito que se viva, a vida é sempre curta. Nós podemos viver muito, mas a vida é sempre pequena. – Pois é – respondia-me – mas eu preciso de mais futuro...

*Quando eu cheguei devia ser tarde,*

*Já tinha dividido tudo*

*Pelos outros e seus descendentes.*

*Só havia Céu por cima dos telhados*

*Lá muito alto para eu respirar*

*E sonhar.*

*Tudo cá em baixo*

*Era dos outros e seus descendentes.*

(A Primeira Manhã, 1935)

José de Almada-Negreiros, desenhador, pintor, vitralista, autor de tapeçarias, gravador, poeta, romancista, novelista, dramaturgo, conferencista, decorador teatral, coreógrafo, bailarino, actor de cinema e futurologista.

Depois da sua morte, deixou FUTURO.

«Por alguma razão», Coimbra, Verão de 1980. ■

Texto e entrevistas:  
MANUEL VARELLA

Neste artigo sobre Almada-Negreiros, houve citações da revista COLÓQUIO n.º 60; A RAZÃO ANIMADA, de Álvaro Ribeiro; da revista SUDOESTE, n.º 3, além dos arquivos particulares do autor.

# SARAH AFFONSO

## mulher, mártir, intérprete companheira de amor e de guerra

LISBOA, JULHO DE 1980

Uma mulher que viveu intensamente uma vida que lhe pertenceu. Apenas o retrato de uma Artista ausente nas suas formas de comunicação. A mulher que deu tudo, nada pediu e tudo recebeu ao longo de uma vida partilhada com amor, amizade e companheirismo. É difícil compreender o Artista se se trata de um génio irreverente e difícil de comunicar, como é o caso de Almada.

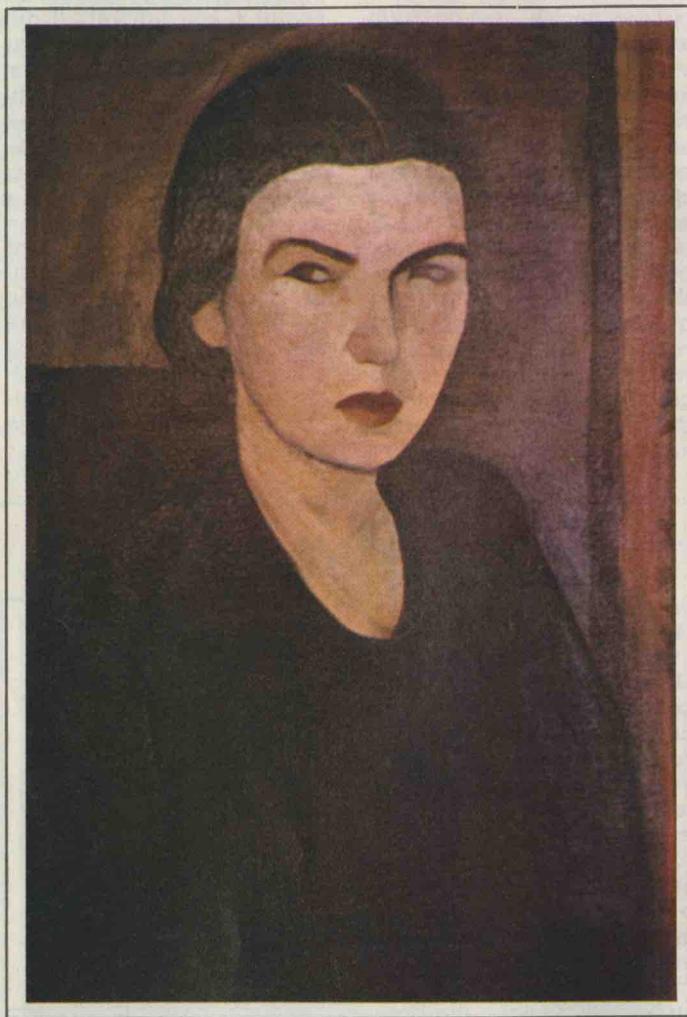
José de Almada-Negreiros, companheiro de amor e de guerra de Sarah Affonso, fez de sua mulher a mártir intérprete de como é bom gostar pela Arte, pelo engenho e, essencialmente, pelo Homem, apenas.

Houve, entre eles, uma longa história romanesca, não à maneira floreada dos livros de Dumas, mas entendida naquilo que de poético tem a palavra. Sarah Affonso, que gostou de Almada-Negreiros desde o primeiro dia, mesmo sabendo o que diziam dele (ser homem louco e de ideias desvairadas – frases que então se diziam no sentido de menosprezar a sua figura), «esperou», segundo disse, que ele viesse, na certeza de saber que esse homem de outra dimensão poderia não voltar. Ela esperou por ele, dois anos, e casaram verdadeiramente, sem compromettimentos formais, apenas porque se gostavam. Almada estava então em Espanha.

Confesso que me senti isolado mental e fisicamente quando, passados dez anos, entrei na sala onde várias vezes convivi com a Família Negreiros.

Tudo no mesmo local: a estranha disposição dos móveis, das estantes, do sofá onde Almada lia e muitas vezes trabalhava, a velha telefonia e o televisor...

Sarah Affonso recebeu-me um tanto confusa, não me localizando imediatamente.



Sarah Affonso (Auto-retrato)

Depois de uma breve troca de palavras, aquela mulher que eu ainda conheci com força e determinação, começou por relatar-me um estranho episódio que me apercebi ser resultado de uma certa confusão mental, de um adormecimento recente, talvez mesmo de um acordar rápido.

– As pessoas julgaram que ele tinha regressado – disse-me Sarah Affonso – que era o Almada, e então rodearam-no para fazer o retrato, perguntando-lhe imensas coisas, a que ele não respondeu, já se vê! Como poderia ele responder se tinha morrido? Mas

foi bonito, apesar de tudo, vê-lo rodeado de tanta juventude. Foi bonito.

Não tenho dúvidas de que estava ainda aureolado, o episódio final de um sonho, relacionado, provavelmente, com o meu anterior telefonema, marcando uma entrevista a propósito da sua vivência com Almada-Negreiros.

Segundo o que geralmente se escreve nos livros biográficos e enciclopédicos, Sarah Affonso foi «pintora portuguesa, passou a infância em Viana do Castelo, regressando a Lisboa aos 14 anos. Matriculada na Escola Superior de Belas-Artes, onde foi discípula de

Columbano, aí terminou o curso de Pintura, conquistando desde início posição de destaque entre os discípulos pelo carácter e pessoalismo da sua obra. (...) Esteve em Paris (1923/24 e 1928/29), expondo no Salon d'Automne. É prémio Souza-Cardoso e tem vasta obra de ilustradora».

Sobre Sarah Affonso, muito há que escrever e estudar, pois a sua **Obra** foi interrompida aquando do casamento com José de Almada-Negreiros. As razões, segundo ela, foram puramente de respeito intelectual pelo marido, por «achar descabido não se dedicar a ele, deixando-o livre de compromissos estéticos, em relação à sua Pintura».

Apesar desse estudo sobre esta Mulher (que tenho em aberto), não queria deixar de salientar hoje, nesta homenagem, **fora de qualquer tempo**, a Almada-Negreiros, algumas expressões que Sarah Affonso me revelou, sobre a personalidade do marido.

– Teve conhecimento das «polémicas» que certos meios quiseram fazer existir, a propósito dos «mal entendidos» de Almada com Fernando Pessoa?

– Sim. Eu, com o Fernando Pessoa, estive duas ou três vezes. Ele aparecia muito lá por casa. Mas não creio que houvesse qualquer mal entendido...

– Falou-se, até, que Almada teria ciúmes de Pessoa...

– Não! O Almada não tinha ciúmes de ninguém. O Fernando Pessoa, como disse, procurava os elementos do grupo do meu marido, como seria natural, pois já estavam lançados no meio artístico há mais tempo. O «Zé» sempre foi amigo dele; achava-o muito inteligente, muito inteligente, mesmo..., mas ciúme, creio que não. Ele pensava é que não seria um génio, talvez..., daí as confusões,

# Dois conhecimentos sobre Almada-Negreiros em campos diferentes depõem sobre o Mestre do futuro (ismo)

João Bigotte-Chorão, escritor e publicista.



João Bigotte Chorão: «*Pensamento sibilino, o de Almada, de uma sabedoria como que oracular*».

Da geração do *Orpheu* só conheci pessoalmente Almada. A Raul Leal vi-o de longe – e não se esquece jamais a figura de um escritor maldito –, arrastando

por esta Lisboa a sua decadência, como o lorde em que se auto-retratou Mário de Sá-Carneiro. Com Almada conversei algumas vezes, em vários lugares e circunstâncias, se é possível dizer que com ele se conversava. Porque Almada, sobretudo, monologava. E não era sempre fácil, dada a sua singular *forma mentis*, acompanhar um raciocínio que não curava de observar as normas da lógica tradicional. Pensamento sibilino, o de Almada, de uma sabedoria como que oracular, quando discorria sobre o número ou sobre os painéis. Ele próprio tinha consciência da complexidade e da natureza paradoxal do que dizia, porque, in-

terrompendo o monólogo, perguntava por vezes: – Faço-me entender?

Ainda que nem sempre se pudesse acompanhar o passo ligeiro de Almada, ou seguir o seu funambulismo intelectual, era bom estar ali, a ouvi-lo, como num espectáculo de mágica. Ninguém melhor do que Almada representava o difícil papel de Almada. Mais afortunado que Chaplin – que num concurso sobre Charlot se ficou por um terceiro lugar –, Almada seria sempre o primeiro na imitação de Almada. Tinha ele em alta estima a actividade especulativa, e chegava até, em paralelo com ela, a julgar secundária a sua obra plástica.

Se conseguíamos meter a nossa colherada, e o fazíamos descer ao chão onde caminham os que não têm asas, ele não se furtava à nossa curiosidade. Se, por exemplo, queríamos saber alguma coisa de Pessoa, ele respondia quase enfaticamente, acentuando as sílabas como quem mede versos: – Eu, com o Fernando, conversava-me!

O pronome reflexo soava a nossos ouvidos como uma velha queixa ou uma jovial emulação. Figuras de proa do mesmo movimento, galos da mesma capoeira, seria inevitável o contraste entre dois artistas que projectam o seu génio sobre este magnífico século. ■

Afonso Botelho, ensaísta e filósofo.

O meu afastamento da leitura, cada vez mais aprofundada, dos painéis de Nuno Gonçalves data exactamente do artigo publicado por Almada no «Diário de Notícias», dias após a entrega, que lhe fiz, do primeiro exemplar da «Estética e Enigmática dos Painéis».

Tive sempre uma grande relutância em tornar íntima a convivência com os génios. Não me considerando discípulo, receava ser indiscreto. Muito mais com Almada que, sobretudo nessa época, 1957, andava possuído pelo segredo dos painéis. Limitei-me, assim, na elaboração do meu ensaio, primeiro, a interpretar, até onde pude ir e do ponto de vista da estética filosófica, a grande obra da pintura portuguesa, depois, a confirmar, na vasta literatura que se produzira sobre ela, as teses propostas. Claro que estas se aproximaram muito mais do caminho apontado por Almada do que de algumas veredas, bastante desinteressantes e confusas, a que não deixei de prestar, no entanto, toda a atenção. Ligando-nos a mesma necessidade de uma leitura esotérica daquele grandioso retrato do povo português, natural seria que, exclusivamente a

partir de textos publicados, tentasse rodar um pouco mais a chave do segredo. O Mestre, porém, no referido artigo, publicado, aliás, com uma pressa inusitada, fazia sentir que receava qualquer eventual profanação do templo sagrado em que entrara.

Hoje, a mais de trinta anos de distância, entendo bem o seu receio, mas, também, o motivo, quase inconsciente, por que me afastei do tema que tão apaixonadamente me ocupou. Almada tinha encontrado o caminho, mas não lhe conhecia ainda o fim. E, nesse ponto, qualquer interferência, especialmente dos matemáticos, que não entendiam o seu conceito de número e o degradavam na aritmética, ou dos filósofos, que tornaram dizível o indizível que ele procurava, perturbaria inexoravelmente «o conhecimento perpétuo, denominador comum de toda a espécie de conhecimento, sem texto, sem cálculo e sem opinião».

Os mais próximos seriam, para o Almada descobridor do segredo dos painéis, os que, pela via sófica, se *espantavam* com o raro conhecimento encontrado nos textos de pensamento dos portugueses. Mas, por enigmática contradição,



Afonso Botelho: «*Usando apenas os seus grandes olhos, Almada teria chegado onde a sabedoria repousa*»

eram estes os que mais se afastavam da tradição pitagórica que informava a visão das suas descobertas. Almada seguia, pois, só, pela senda dos iniciados sem mestre. Usando apenas os seus grandes olhos, teria chegado onde a sabedoria repousa, mas sempre como iniciado. Por isso, dez anos depois, ele chega onde se começa. «Começar», é o nome que deu à sua obra da Fundação Gulbenkian, de 1968.

Essa obra revela que, embora sem mestre litúrgico, Almada era grande co-

nhecedor dos mestres da Antiguidade. Porém, as suas inclinações teóricas aproximam-no do saber ocidental, pela via das *lojas* de pedreiros e arquitectos, entre as quais a poderosa Bauhütte, cuja influência é, segundo Lima de Freitas, patente no painel da Gulbenkian. E esta via poderá não ser a que ditou a composição, não só das seis tábuas de S. Vicente, mas de mais nove, que ainda Almada consegue reunir numa só unidade. O desvendar do segredo dos painéis pode ter sido, assim, mais difícil, doloroso e demorado do que a sua iniciação teórica. Na obra caracteristicamente portuguesa, o encontro entre o saber do Ocidente e do Oriente dar-se-á abrindo outras portas que não as de Bauhütte e do Santo Império. Nós temos outro Império, que é o quinto.

Talvez, sugere agora o leigo, que a unidade de composição das quinze tábuas, vista por Almada, reúna o cânone grego à ciência da Kabala, a visão helénica ao saber iconoclasta da palavra. Pelo menos, a sua distribuição na capela do Fundador segue a ordem da árvore sehirótica. Será essa, afinal, a própria unidade de Portugal? ■

Em dado momento deste artigo, afirmei que Almada-Negreiros também era **futurologista**. A razão principal deve-se à capacidade que ele tinha de se integrar no tempo, quer na Antiguidade, quer num século à nossa frente, conhecendo-o e predizendo-o.

O estudo esotérico da obra e do pensamento de Almada, está por fazer. Contudo, essa função avançada de cultura está à vista nas obras que conseguiu deixar, especialmente na comunicação social.

Antes de executar o seu grande trabalho para a Gulbenkian, Almada falou-me de que, naquele momento, aos setenta e cinco anos, se encontrava apto para **começar** a sua função de artista (o mesmo Almada que um ano antes me afirmara ser todo o mecanicismo da sua obra proveniente de **sinais**), inquietando-o seriamente a falta de tempo (no espaço) que a sua condição humana não lhe permitia obter. O dia de amanhã, para Almada-Negreiros, era já um minuto passado. Por isso ele trabalhou imenso nos últimos anos da sua vida, que ele **sabia** curta ou breve.

É desse tempo a conversa que passo a transcrever, lembrando a coincidência de José de Almada-Negreiros intitular, o seu painel geométrico da Fundação Gulbenkian, «Começar».

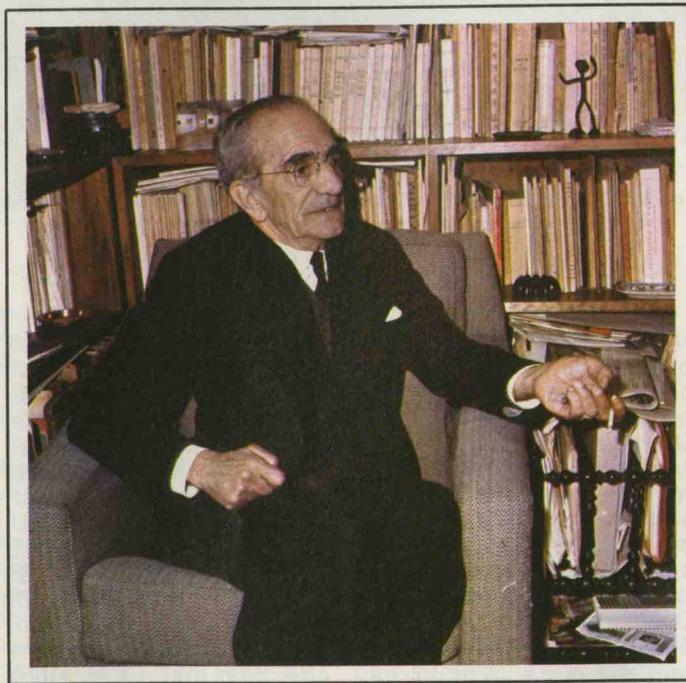
– **Sei que uma das suas grandes preocupações, de pesquisa e até de trabalho proposto para ser efectuado em conjunto (refiro-me a Santa-Rita Pintor e a Mário de Sá-Carneiro) foi a «decifração» do mistério apresentado à vista de todos nós nas seis tábuas de Nuno Gonçalves. Essa pesquisa é ainda fruto da sua principal atenção ou foi superada?**

– Como já referiu, esse trabalho era para ser estudado por mim, Santa-Rita e Mário de Sá-Carneiro. Infelizmente para a Humanidade, eles morreram a curto espaço de tempo um do outro, ficando a investigação **fundamental** por efectuar. De toda a forma, continuei no estudo geométrico das seis tábuas atribuídas a Nuno Gonçalves, tendo já publicado um extenso trabalho, sobre o assunto, no Diário de Notícias...

– **E a chamada chave do segredo, Mestre Almada conseguiu tirar alguma conclusão?**

– Sim. Creio possuir essa **tal chave**.

Aqui, inexplicavelmente, Almada-Negreiros teve um gesto brusco e ao mesmo tempo nobre, dizendo-me convicto e quase alucinado, desviando-me a atenção: – A casualidade momentânea da encomenda feita pela Gulbenkian dum trabalho meu para as novas instalações da Fundação, teve para mim uma circunstância francamente agradável. Reparei que tudo o que durante a minha vida tinha, digamos, estudado a respeito daquilo que foi sempre a minha apetência pessoal, o consegui visualizar, num único painel, o **todo** do conhecimento. Esse to-



do, se nós o quisermos contar historicamente, é da ordem francamente extraordinária, porque vem desde os milénios. Milénios que não saberemos contar até aos dias de hoje, se não fixarmos uma figura importantíssima do Renascimento italiano, Leonardo Da Vinci, que parece ter ficado à margem, quando ele era, precisamente, a personalidade que esteve mais constante na vida de toda a gente (gente-Universo), depois do Renascimento. Tenho lido quase tudo (senão tudo) o que se tem publicado sobre Da Vinci, tendo encontrado uma frase comum em todos os autores,

que me impressionou: – O único homem da Renascença que deixou Futuro.

Isto foi das maiores provas do acerto dos trabalhos que comecei, sem saber do que se tratava, mas que era uma necessidade vital, minha, tê-los começado. É importante que se diga. Eu não estou de forma nenhuma a convencer o público. Se ele se convencer, sou feliz, se não, a minha lealdade fica dita (...) a esse respeito.

O que fiz teve, de facto, uma coerência que se sobrepôs a mim e que está muito para além de mim, e contudo era a minha coerência. Parece-me que não é demais dizer que cada pessoa tem o seu privilégio, ainda que isto não seja o que se pretende, cada um ter o seu privilégio..., por-

xando-me nessa habilidade que tinha. Assim que comecei a dar mais atenção aos traços, acontecia-me fazer as primeiras linhas e já não fazer as segundas... Ficava diante das primeiras como um perú a quem se traça um risco de giz no meio do chão e ele não passa para o lado de lá...

– **Essa quase incapacidade de não poder ir mais além, poderá ser entendida psicologicamente?**

– Creio que estou a entender a sua pergunta e, sobretudo, empregou um termo que vem imenso a propósito: é o **psicologicamente**.

Tenho a convicção de que a Humanidade está progressiva em muitos sentidos, mas diminuída na generalidade, nos grandes e pequenos **mistérios**. Há certos fenómenos que não se entendem unicamente pela dialéctica. Há uma outra função **cósmica** que não é do nosso conhecimento...

O que acontecia com os traços que desenhava (que me paralisavam, porque ficava perfeitamente embevecido com aquelas maravilhas), acontecia-me com as pessoas. Já não sabia fazer-lhes nem caricaturas nem retratos, porque ficava a olhar para elas espantado!

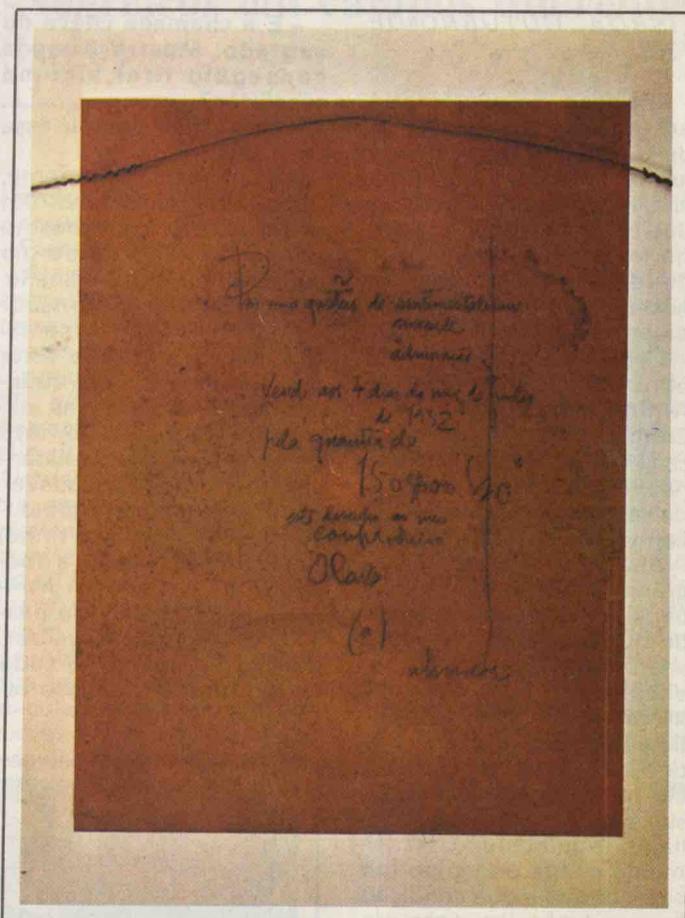
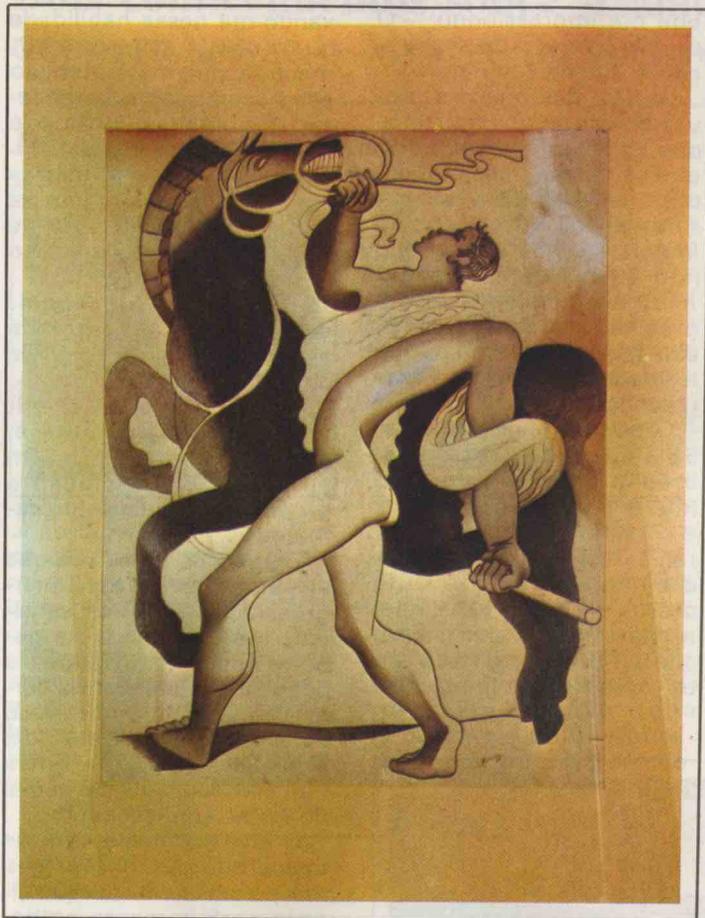
– Mas que figura espantosa. Que linhas admiráveis tem esta cabeça..., (fosse quem fosse, não estou a referir-me a ninguém em particular) que quantidade de raças há aqui, que **antigo** que isto é... Como tudo isto está bem feito para ir em frente! – pensava eu.

– **Poderei dizer que Mestre Almada interiorizava essas figuras?**

– Diz muito bem. Havia já uma linha inefável que se estabelecia em mim e a qual eu estava seguindo como um cego.

Quando se referiu ao **psicologicamente** disse que a Humanidade se encontrava diminuída. Como é que eu posso explicar tudo isto? Que ela tinha qualidades extraordinárias que não transpareciam?

De facto, a Humanidade está desviada, passando-se um fenómeno espantoso que deduzi: há uma tirania da ordem de estragar tudo. A **ordem** está a comandar os impulsos e a exigir das pessoas deveres que resultam em diminuição da personalidade de cada um. ■



Por uma questão sentimental, amizade e admiração, um Almada vendido por 150 escudos.

– Uma vez que já se disse que a escrita e a poesia não são acidentais na sua vida, como interpreta a corrente (psicológica) da poesia?

– Para mim a poesia é a nudez virginal que nasce connosco. E ou se mantém, ou não. Ou nos desvirtua a via ou nós, a maior parte das vezes, por desgraça social, frequentamo-la. Isto é o sentido da poesia para mim: é a força. Aí está a primeira vez que se tem a noção, no mundo, do que é o sentido geral da palavra energia. É a poesia. É a energética. A força.

– Mestre Almada, talvez porque tenha sido um dos grandes dinamizadores e mentores do movimento do ORPHEU, aquele que no seu verdadeiro sentido futurista mais se evidenciou, foi acusado de umas certas querelas com Fernando Pessoa, havendo mesmo quem dissesse existir uma espécie de ciúme da sua parte, e isto porque Pessoa também não escondeu um certo sarcasmo crítico a uma exposição de desenhos de Almada-Negreiros.

– Do Orpheu, eu fui colaborador. As coisas são de

tal maneira estranhas que as pessoas não percebem certos factos. Por exemplo: no primeiro número do Orpheu, vem frisos pelo desenhador Almada-Negreiros. Fizera-me ver que aquilo era insinuado, pôr desenhador, porque desenhador não era nenhum título nobre, segundo eles. Ora, quem pôs a palavra desenhador, fui eu! Não foram eles que sugeriram, fui EU!

Mas há um caso mais grave ainda. Quando morreu Fernando Pessoa, toda a gente sabia (fui eu também que o comuniquei), que Fernando Pessoa tinha feito uma crítica, quando ainda não me conhecia, sobre uma exposição minha (andava eu ainda no colégio), com esta frase: Que Almada não é um génio, manifesta-se em não se manifestar. Ora fui eu quem deu publicidade a esta frase, eu mesmo, Almada, depois da publicação do texto do Fernando Pessoa n' A Águia. Fui eu. Mas ainda há mais (...), quando morreu Fernando Pessoa, fui eu que mandei para os jornais a notícia seguinte, no

mesmo dia em que se tinha enterrado: – O conhecimento de Almada com Fernando Pessoa foi desta maneira: Fernando Pessoa tinha escrito uma crítica sobre uma exposição de Almada em que dizia, ALMADA NÃO É UM GÉNIO MANIFESTA-SE EM NÃO SE MANIFESTAR. O resultado foi logo virem sentimentalmente, como meus amigos, dizer-me: – Vês, ainda agora morreu Fernando Pessoa e já se estão a meter contigo.

– FUI EU QUEM PÔS A NOTÍCIA NOS JORNAIS – respondi-lhes!

– Considera que não houve intenção de isolar a figura de Fernando Pessoa dos restantes companheiros do Orpheu?

– Sobre Fernando Pessoa e sobretudo neste momento, que é um momento de comunicação com toda a gente (...), quero dizer o seguinte e oxalá possa ser de uma vez para sempre: Quando o caso de Fernando Pessoa for um caso particular, não interessa a ninguém! Nenhum caso de Artista é um caso particular, é um caso de toda a gente.

Mas isto é tão incompreensível, que num jornal da tarde portuguesa leio uma correspondência, assinada por um poeta português, que eu admiro. Sei que é professor numa Universidade francesa e escreveu um texto sobre poesia onde vem esta frase: – Depois da morte de Fernando Pessoa, o movimento do Orpheu ficou acéfalo.

Confesso que foi dos maiores choques que tenho recebido na minha vida. Mas durou meio minuto, só! Cá está o que acontece. Apresente cada um, cada poeta, o que tem de apresentar e deixe-se de comentários, ainda que seja um poeta daqueles que eu admiro...

– Havia, de facto, uma incompatibilidade de génios?

– Com o Fernando, eu conversava-me... e –, independentemente da amizade que nos ligava e do génio incontestável de Pessoa, entendo que Santa-Rita e Mário de Sá-Carneiro, a serem estudados por alguém, será o trabalho mais longo e profundo que se pode fazer sobre a gente do Orpheu.

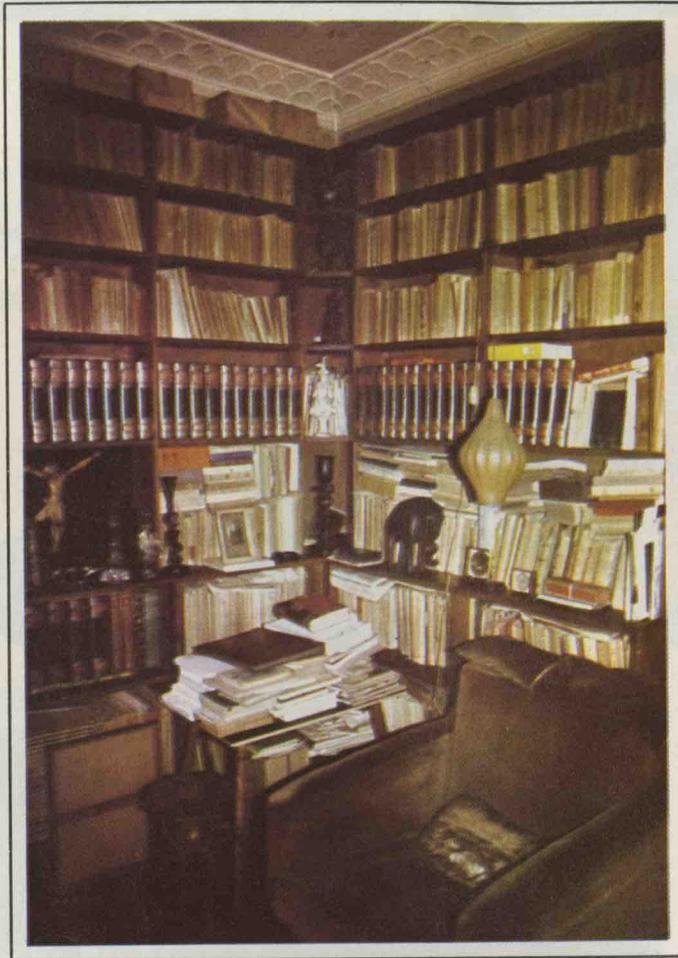
aceitar-se em função desse tempo, para o qual um certo pudor técnico me impede de referir concretamente. Havia algo de insólito nas palavras desse homem. Ele dizia-me que não podia encontrar-se comigo, porque não estava em Portugal, que se encontrava no Paraguai, trabalhando num livro sobre a vida dos Aztecas e no conhecimento geométrico dos Maias.

Perante esta explicação, como seria de esperar, fiquei quase petrificado, esboçando apenas um *mas* ou o *mestre acha que e pouco mais*.

Este homem estranho que comecei por referir, era Almada-Negreiros. José de Almada-Negreiros, pintor, desenhador, vitralista, autor de tapeçarias, gravador, poeta, romancista, novelista, dramaturgo, conferencista, decorador teatral, coreógrafo, bailarino, actor de cinema e futurologista, porventura, este último, o único predicado que ninguém ainda lhe atribuiu. Mais adiante, terei oportunidade de explicar porquê.

Gostaria de salientar que este trabalho, a que chamei *Alma até Almada*, não pretende ser polémico, trazer novas sobre a personalidade complicada de Almada-Negreiros e muito menos acrescentar, ao que já foi escrito e inventado sobre a sua figura, motivos que origem quaisquer meditações transcendentais, o que, na minha opinião, seria complicar o que de simples foi: a outra face da sua vida. Aquela a que os estudiosos e críticos menos importância deram e o próprio Almada desejava *ver-se* falado. Na verdade, essa outra face, que é essencial conhecer-se, estava nos pequenos momentos do dia-a-dia do Mestre-desenhador e que aparentemente nada significavam. Contudo, esses momentos *feriram-me* (para utilizar a vasta terminologia do seu quotidiano, a qual englobava uma continuidade de pensamentos abstractos), e de tal modo que ainda hoje, passados tantos anos, tenho presentes muitas das suas palavras soltas, ditas quase sem conexão.

Nesta ordem de ideias, torno públicas, algumas declarações de José de Almada-Negreiros, ao seu tempo proferidas em conversa, quer telefónica, quer pessoal, aceitando tranquila-



O local de trabalho da predileção do Mestre

mente tudo o que se possa depois dizer em abono de algum discurso contraditório ou de outra verdade. Esta é a minha.

Creio que muito dificilmente se concorda com valores ou graus intelectuais, se na discussão intervém um critério para decidir se esses valores são objectivos ou subjectivos. «A liberdade de pensamento, que é a *liberdade* humana, manifesta-se exactamente pela expressão de juízos de valor, sem relação necessária com as determinações da vontade». É com este tipo de proposição *cultural* que «Alma até Almada» deve ser entendido.

Propositadamente não enunciarei os clássicos elementos biográficos sobre Almada-Negreiros, por não ser essa a função deste artigo. Por outro lado, aos leitores, especialmente jovens, mesmo universitários graduados, estará aberto um desafio ao conhecimento certo daquele que foi o *inventor do dia claro*, como Leonardo da Vinci, ao seu tempo, desvendou os mistérios do *claro-escuro*, que em Almada-Negreiros talvez correspondesse à cé-

lebre relação 9/10 (o quadrado e os dezasseis pontos verticais, correspondentes aos dezasseis toques sensíveis da cosmologia humana de Leonardo da Vinci). Da Vinci, como Negreiros, viveram numa correspondência de ideias, mas em finais de séculos diferentes e princípios de outros. É só relacionar datas, feitos, acontecimentos e começos. Como diria José de Almada-Negreiros, «esta correspondência é unânime».

BICESSE, JULHO DE 1967

**– Em muitos casos da História Literária, na vida de um artista votado à expressão plástica, como será o seu caso, a escrita e a poesia são um acidente...**

– Já lhe dou uma prova de que não são um acidente.

Sou eu que exijo que se ponha a palavra desenhador nas coisas que escrevo e que se encontram publicadas. Repare que a minha obra literária é toda da ordem visual. Através da visualização das *coisas*, servia-me de uma literatura de uma facilidade literária para o meu caso, se quiserem,

para o meu privilégio... Isto tem interesse, porque de facto há privilégios que não são exclusivos, mas que atingem uma pessoa em determinado momento da vida ou da Humanidade. Por exemplo: o facto de eu ter o privilégio de ter sido chamado por sinais. Nos outros eu *vejo* que não sentem essa percepção, nem a convicção do chamamento como sinal.

**– Que tipo de sinal? A alusão a uma Cultura, a uma Civilização?**

– A uma, não. *Da*.

**– Que engloba um universalismo...**

– Unânime. Isso é fatal em mim. O que manda é unânime, o resto são circunstâncias.

**– A colectânea de poemas em prosa, «A Invenção do Dia Claro», poderá considerar-se um desses casos de resposta a um chamamento por sinais?**

– Bom, é a mesma coisa. Não é uma inspiração.

Na «Invenção do Dia Claro» há expressões que me serviram pela vida fora, inteirinhas, e são aquelas que o público não deu por elas. Por exemplo: – Agradeço terem guardado uns desenhos que eu fazia e ninguém sabia o que eram, porque eles têm seguido comigo pela vida fora e ainda sou só eu que os entendo. A outra seria esta: – Vê bem na tua mão, nas linhas da tua mão. Não duvides. São a tua loucura. Agarra-as bem, não as deixes sair da tua mão.

Na «Invenção do Dia Claro», quem é que dá por isso? – O texto não é completamente assim...

**– Partindo desta ideia de que Mestre Almada é privilegiado por sinais, toda a sua vida artística foi beneficiada por este facto? No Teatro, por exemplo?**

– Bom. A primeira vez que eu apareci em público, foi com a leitura do texto de uma peça em um acto, chamada *O Moinho*, dedicada ao Eduardo Viana, em 1911.

Aí toda a gente dizia: – Caramba, isto parece cinema... Naquele tempo! Está a ver a persistência daquele que segue pela vista as coisas? Cheguei a dizer, ainda por esse tempo, que o bom teatro é aquele que as pessoas vão ver, ou que um surdo-mudo vai ver, não ouvem uma palavra e no fim contam a história. Esse é o bom teatro.

*De José Almada Negreiros, uma entrevista inédita. De José Almada Negreiros, o retrato traçado por Sarah Affonso, sua mulher, companheira de amor e guerra. De José Almada Negreiros — escreve Nanuel Varella, autor de texto e entrevistas — «essa outra face que estava nos pequenos momentos do dia-a-dia do Mestre». Sobre José Almada Negreiros, os depoimentos de João Bigotte-Chorão e Afonso Botelho.*

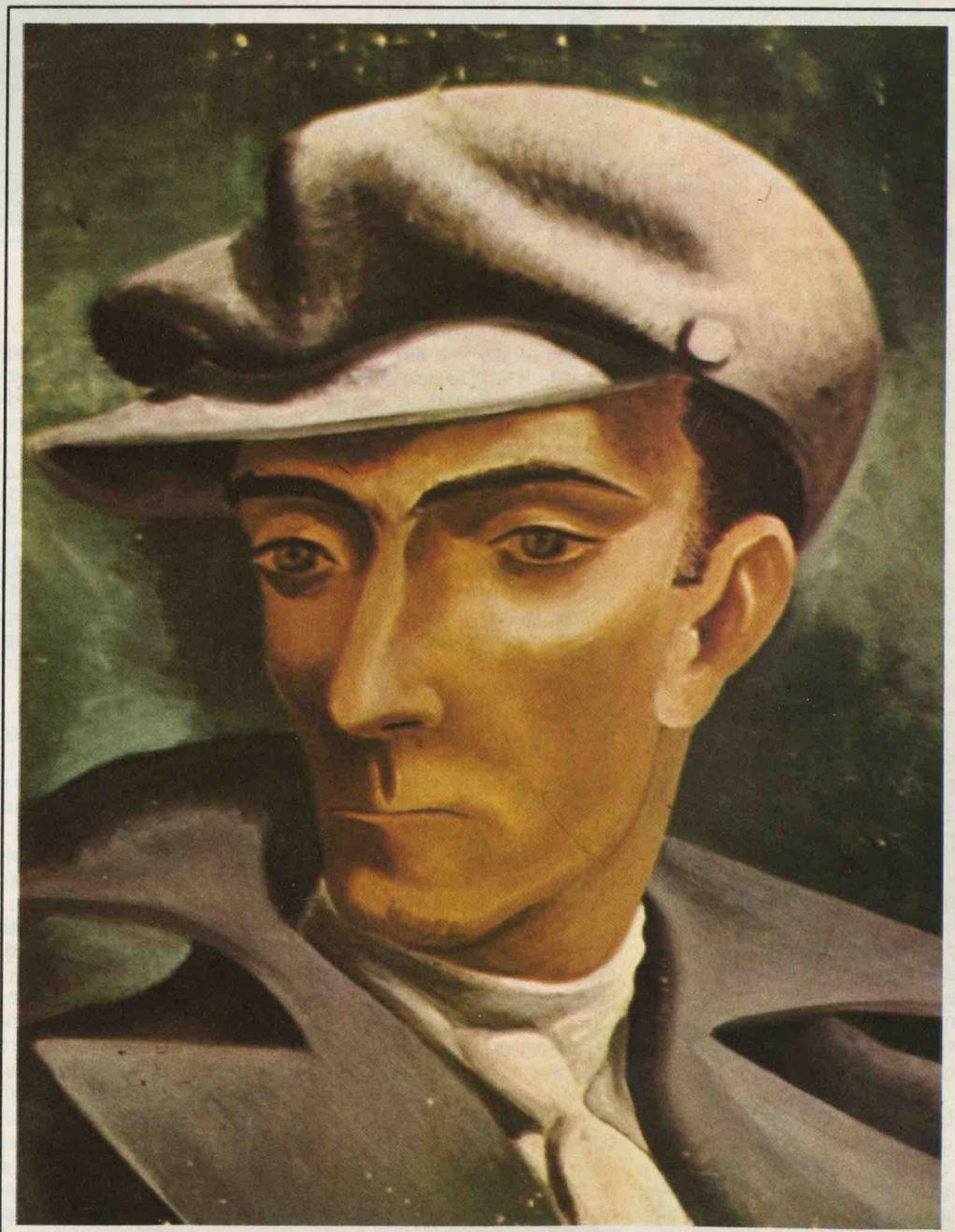
Foi numa tarde seca de Verão que me encontrei interrogativo perante uma conversa telefónica que, havia minutos, terminara com um homem estranho.

Ele disse-me que não se encontrava em Portugal, que não lhe falasse em contactos directos, em palavras que fossem, ou dessem origem a entrevistas: — Eu não gosto dos jornais...; são, alguns, muito atrevidos no que escrevem e no que fazem. Às vezes chego mesmo a pensar que não têm a noção da realidade das coisas. Olhe, ainda há pouco tempo tive conhecimento de que modificaram o cabeçalho do «Diário de Lisboa». Sabia que fui eu que desenhei o cabeçalho do «Diário de Lisboa»? Pois modificaram a sua forma original, para a que existe actualmente... É como modificar, modernizando, a capa do *Orpheu*, desenhada pelo Pacheco... Eu não acuso ninguém. Que isto fique bem nítido na memória das pessoas... — dizia-me um tanto exaltado, silabando cada palavra, como que marcando a distância do eco da própria voz.

Decorria o ano de 1967. Ano difícil para os portugueses, como difícil era a respiração das pessoas que, indeléveis, se deslocavam mecanicamente no asfalto das cidades mais capacitadas demograficamente.

A aparente explosão de mau-humor do meu interlocutor telefónico, poderia

# ALMA ATÉ ALMADA



Almada-Negreiros  
(Auto-retrato)